

O FIM DO MUNDO: ADEUS A CLAUDIA CASTRO

*Maria Continentino*¹

Resumo

Esse texto é uma homenagem à professora do departamento de filosofia da PUC-Rio, Claudia Castro, falecida em agosto de 2010. Ele se inspira no pensamento do filósofo Jacques Derrida sobre a morte, o adeus e o luto impossível.

Palavras-chave: Jacques Derrida, Claudia Castro, luto impossível, morte, adeus.

¹ Formada em Comunicação Social pela UFRJ, com mestrado e doutorado em Filosofia pela PUC-Rio. Trabalha com cinema e vídeo desde 1997 e seu trabalho teórico está focado na relação entre arte e pensamento.

O FIM DO MUNDO: ADEUS A CLAUDIA CASTRO

Maria Continentino²

É preciso marcar aqui uma interrupção.

Como voltar à PUC há menos de um mês da morte da Claudia e não falar sobre isso? Isso que me atravessa agora, como a tantos de nós, e que me rouba a palavra. Isso que interrompeu a ordem, a programação, não apenas dessa mesa³, da minha fala, mas do meu doutorado, da minha vida. Que me coloca diante de uma experiência do impossível tão tematizada por Derrida e que, agora, me acontece de forma radical, singularmente, me chamando a pensá-la de outro modo: a partir da morte, da morte da Claudia, e do que se chama um trabalho de luto que acredito, como o pensa Derrida, não terminar jamais, isto é, de um luto impossível.

De partida, trago aqui uma aporia: é tão impossível comparecer à SAF e não falar sobre isso quanto é impossível falar sobre isso. Nomear, encontrar palavras para escrever sobre ela, para ela. Esse texto se inscreve sobre uma indecisão entre a palavra e o silêncio. Entre a possibilidade de não comparecer à SAF⁴ e marcar meu silêncio sem tentar nomear a dificuldade de retornar à PUC, retomar o curso, reinventar os planos ou a de comparecer com esse texto envergonhado por se saber aquém de sua tarefa, fazendo esse silêncio soar de outra forma, na precariedade e no pudor das palavras, na assunção de uma certa impossibilidade do pensamento que, ao mesmo tempo, é o que me permite e me encoraja a falar.

² Formada em Comunicação Social pela UFRJ, com mestrado e doutorado em Filosofia pela PUC-Rio. Trabalha com cinema e vídeo desde 1997 e seu trabalho teórico está focado na relação entre arte e pensamento.

³ Este texto foi escrito para a participação na SAF (Semana dos alunos de pós-graduação em filosofia da PUC-Rio) de 2010. Originalmente, o texto inscrito na programação do evento era outro, substituído por este depois da morte da professora Claudia Castro.

⁴ Semana dos Alunos de pós-graduação em Filosofia da PUC-Rio

Encontrando força nas tematizações de Derrida sobre a morte, o adeus, o luto, mergulho nelas, recorrendo muitas vezes às palavras do filósofo que estudo e que me ajudam a comparecer e enfrentar esta tarefa impossível de dizer adeus à Claudia. Mas um adeus onde não se lê apenas uma despedida, mas também uma saudação e abertura para uma outra relação com ela que não terminará de se escrever.

Talvez, esse silêncio se faça ouvir naquilo que Derrida chamou, em seu *adeus a Emmanuel Levinas*, de "as lágrimas na voz" ao ter que pronunciar, em voz alta, as palavras de adeus ao amigo morto. Diz ele:

eu sabia que minha voz tremeria no momento de fazê-lo e sobretudo de fazê-lo em voz alta, aqui (...) tão perto dele. (...) Gostaria de fazê-lo com palavras nuas, tão infantis e desarmadas quanto minha dor (...) As lágrimas na voz, elas, às vezes, chamam intimamente o outro, que guarda o silêncio, elas o interpelam sem desvio e sem mediação, elas o apostrofam, saudando-o também ou se entregando a ele. Isso não é forçosamente uma necessidade convencional, nem sempre uma facilidade retórica da oração. É antes para atravessar a palavra, ali onde as palavras nos faltam e porque toda linguagem que retornasse em direção a si, em direção a nós, pareceria indecente, como um discurso reflexivo que se dirigisse para uma comunidade ferida, para sua consolação, seu luto, para isso que se chama por uma expressão confusa e terrível o "trabalho de luto". Preocupada com ela mesma, tal palavra arriscaria, em sua direção, se desviar daquilo que é aqui nossa lei – e a lei como retidão: falar tão direto, se dirigir diretamente ao outro e falar para o outro que se ama e se admira antes de falar dele. Lhe dizer adeus.⁵

Como fazer isso? Como se dirigir diretamente ao amigo que se diz não estar mais aqui, daquele que dizem não responder mais? Essa retidão, essa vontade de dirigir-se tão diretamente ao outro, fica marcada como uma espécie de responsabilidade, a responsabilidade de um "sim incondicional" que nos faz comparecer diante do outro que chama em nós. Mas também uma retidão que vigia qualquer palavra que busque apenas consolar e apagar a perda em tudo aquilo que se diz ser "mais forte do que a morte" e que acredita poder colocar o amigo morto num lugar pacífico em nós.

⁵ DERRIDA, Jacques. *Chaque fois unique, la fin du monde*. Paris: Éditions Galilée, 2003. p. 241, 242. Tradução minha.

Como voltar à PUC sem a Claudia? À PUC, universidade onde ela fez história marcando profundamente cada um de seus alunos e abrindo uma experiência afetiva com a filosofia. Todos que tiveram a chance de tê-la como professora e como amiga reconhecem a raridade do entusiasmo, da dedicação, do pensamento vigoroso, de uma entrega apaixonada, de uma escuta sem igual na universidade. De uma sensibilidade que conseguia enxergar e fazer brotar em cada um a força e a segurança para trabalhos singulares. Como seguir esse caminho agora sem ela por perto? Sem a resposta dela fora de nós?

Penso numa frase do Proust que diz que “a ausência de uma coisa não é apenas isso, não é uma simples falta parcial, é um transtorno de todo o resto, é um estado novo que não se pode prever no antigo”⁶. E associo esta frase com a ideia derridiana do fim do mundo a cada morte de um amigo:

a morte do outro, não apenas, mas sobretudo se nós o amamos, não anuncia uma ausência, uma desapareição, o fim de tal ou tal vida (...). A morte declara a cada vez o fim do mundo em totalidade, o fim de todo mundo possível e a cada vez o fim do mundo como totalidade única, portanto insubstituível e portanto infinita.⁷

O que foi isso que aconteceu à minha amiga, que me aconteceu? Derrida fala da morte, dessa interrupção, como uma certa experiência do "sem-resposta" para o sobrevivente, uma experiência que radicaliza e evidencia uma distância, um impossível em toda relação com o outro. Para ele, toda relação de amizade é marcada por uma certa melancolia que se baseia na certeza de que um dos dois morrerá antes e que caberá ao sobrevivente carregar um diálogo com o outro, que já não responde mais. Mas se ele não responde mais é também porque, diz Derrida, ele começa a responder de outra maneira, dentro de nós, como outro em nós. Esse diálogo constante que é carregado pelo sobrevivente não é um diálogo "de identificação, nem de simetria, nem de reconhecimento,

⁶ PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Tradução: Mario Quintana. São Paulo: Globo, 1995. p. 295.

⁷ DERRIDA, Jacques. *Chaque fois unique, la fin du monde*. Op. Cit. p. 9. Tradução minha.

mas o dessa estranha comunidade: é esse *Comum* que nos une, separando-nos”⁸.

No luto normal freudiano

internaliza-se o morto, nós retemos o morto em nós, nós o assimilamos e essa interiorização é a idealização, ela acolhe o morto. Ao tempo em que num luto que não se desenvolveu normalmente, num trabalho de luto que não funciona, não há uma internalização verdadeira, mas há (...) uma “incorporação”, [isso quer dizer] que o morto é tomado em nós, mas não se torna parte de nós, ele ocupa um lugar particular em nosso corpo, ele pode falar sozinho, ele pode assombrar, ventriloquar nosso próprio corpo, nosso próprio discurso (...) [como] um fantasma que está fechado numa cripta que é nosso corpo. Nós somos uma espécie de cemitério para os fantasmas. O fantasma pode ser também não apenas nosso próprio inconsciente, mas mais precisamente, o inconsciente do outro. É o inconsciente do outro que fala em nosso lugar (...). Isso pode ser terrível, mas é aí que as coisas acontecem...”⁹

O luto impossível, anterior a qualquer morte, enxerga na vida uma relação com fantasmas. Se o luto normal só se dá com a morte, enxergando nela quase como que uma abertura para um outro mundo, um mundo dos mortos, o luto na perspectiva derridiana se inicia com cada relação, ou melhor, possibilita e impossibilita toda relação como num aceno que ao mesmo tempo saúda e se despede.

A relação com o amigo é sempre um cogito do adeus, uma saudação sem retorno. Porém, assim o é desde o primeiro momento, desde a primeira saudação. O luto está sempre adiantado, está sempre ali, antes de toda morte. Já sabemos quando trocamos a primeira palavra com o amigo que um dos dois morrerá antes, e que ao outro compete a tremenda responsabilidade de “levar seu mundo” depois do fim do mundo, do fim deste mundo singular e único. A cada vez, com cada amigo morto, produz-se o fim do mundo. (...) O sobrevivente, o que permanece só, em um mundo fora de mundo, sente-se responsável por levar o outro e seu mundo, o outro e o mundo desaparecidos (...). Que responsabilidade levar seu mundo! ¹⁰

⁸ CRAGNOLINI, Mónica. “adieu, adieu, remember me: derrida, a escritura e a morte”. In: DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar (org.) *Espectros de Derrida*. Rio de Janeiro: NAU Editora: Ed. PUC-Rio, 2008, p. 43.

⁹ Fala de Derrida no filme *Ghost dance*, dirigido por Ken MacMullen, em 1983.

¹⁰ CRAGNOLINI, Mónica. “adieu, adieu, remember me: derrida, a escritura e a morte”. Op. cit. p. 42.

Penso na nossa responsabilidade, na de cada um que foi tocado pela Claudia e que se engaja agora, como eu, nesse responder aos seus rastros. Nos alunos de diversas áreas que nessa semana, enquanto trabalhava nesse texto, apareceram com relatos emocionados querendo homenageá-la, se dirigir a ela. Penso em seus alunos do departamento de filosofia que como ouvintes ou inscritos numa disciplina eletiva iam procurar a força do seu Benjamin, muitos que contaram com a generosidade da sua orientação, mesmo quando não oficial. Penso no grupo da Piratininga, exemplo da mistura entre trabalho e amizade que ela não distinguia. Em todos que puderam assistir à arte de “fazer subir um balão”¹¹.

Como ter sido tocado pela Claudia, pelo seu modo sério, inventivo, doce e corajoso de estar na universidade, sobreviver a esse fim do mundo e não se sentir responsável por levá-lo adiante?

Resta uma responsabilidade infinita que me engaja na perspectiva de um adeus que não significa o fim, mas que é também um chamado pelo outro, por quem eu tremo. Um aceno que convida, como um pedido de aproximação, mas que, ao mesmo tempo, lembra o afastamento, a impossibilidade que marca toda relação com a alteridade e que faz de todo outro uma espécie de fantasma.

Mas é preciso marcar aqui a afirmatividade do luto impossível:

só há afirmação no luto impossível. Só podemos afirmar o impossível, pois o possível é pura constatação, puro registro (...) A afirmação do impossível como tal afirma o impossível do próprio luto, é puro

¹¹ Referência ao texto de Claudia Castro, *Aos alunos com carinho*, publicado no jornal Plástico Bolha em 2008, onde ela compara o ofício do professor ao de um baloeiro que « ensaia fazer subir um balão » : « ...o trabalho do professor – que se inicia do zero a cada vez que ele adentra o espaço sagrado da sala, com as carteiras e a sua mesa, o quadro e o giz – se assemelha ao de um baloeiro que ensaia fazer subir um balão. Pois uma aula é como um balão. Se é boa, nos leva ao céu, para além de nós mesmos, até o reino mais perfeito da liberdade. Quando o balão consegue subir ? Ele sobe se, inexplicavelmente, tanto o professor quanto os alunos, encantados com a magia misteriosa das palavras, tocam o insondável : a pergunta, sem resposta, sobre o sentido de nossas vidas. » Cf. <http://www.jornalplasticobolha.com.br/pb16/aosalunoscomcarinho.htm>

engajamento no impossível desta tarefa. O sim que o luto implica não é aquele que é dado a uma determinada causa, mas aquele que confirma a impossibilidade de não se engajar: desde sempre estamos enredados na escritura, em seu movimento incessante e disto não podemos fazer o luto. A afirmação do luto, para Derrida, é reconhecimento desta impossibilidade, e, sobretudo, uma aposta nesta impossibilidade (...) Um trabalho de luto que não cessa, que respeita a inacessibilidade do outro – (...) – e com tal inacessibilidade passa a negociar, afastando a violência que um suposto controle da alteridade sempre desencadeia. Com a ideia de meio-luto o que é enfatizado é o trabalho, a tarefa, e não o êxito na superação de uma perda. Para a perda, que o pensamento derridiano pretende enfrentar não há superação possível, mas apenas um envolvimento constante e inarredável (...) Assim, a desconstrução aponta e aposta num comércio permanente com o outro, com sua estranheza e irredutibilidade como possibilidade de toda e qualquer criação ou produção.¹²

Sim, eu acredito nos fantasmas!

É nesse engajamento que me encontro aqui, nesta tarefa de te guardar, não na perspectiva da memória de um passado que possa ser resgatado por um relato, mas na memória de um porvir, da esperança e da promessa de escritas que se farão, com a certeza de serem assombradas por você.

Adeus, Claudia.

¹² CONTINENTINO, Ana Maria. *A alteridade no pensamento de Jacques Derrida: escritura, meio-luto, aporia*. Tese de doutorado, PUC-Rio, 2007. p. 130 e 144.

BIBLIOGRAFIA

CASTRO, Claudia. *Aos alunos com carinho*. In: Plástico Bolha, n. 16.

Disponível em:

<<http://www.jornalplasticobolha.com.br/pb16/aosalunoscomcarinho.htm>>

CONTINENTINO, Ana Maria. *A alteridade no pensamento de Jacques Derrida: escritura, meio-luto, aporia*. Tese de doutorado, PUC-Rio, 2007.

CRAGNOLINI, Mónica. “adieu, adieu, remember me: derrida, a escritura e a morte”. In: DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar (org.) *Espectros de Derrida*. Rio de Janeiro: NAU Editora: Ed. PUC-Rio, 2008, p. 42.

DERRIDA, Jacques. “Adieu a Emmanuel Lévinas”. In: _____. *Chaque fois unique, la fin du monde*. Paris: Éditions Galilée, 2003. p. 241, 242.

MACMULLEN, Ken. *Ghost Dance*. Looseyard productions for channel 4, Zweites Deutsches Fernsehen (ZDF), Grã-Bretanha e Alemanha ocidental, 1983. 94 min.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido: no caminho de Swann*. Tradução: Mario Quintana. São Paulo: Globo, 1995. p. 295.